

## COLETÂNEA DO PREMIO ESCRIBA DE POESIAS -2012

1º LUGAR – LAVANDO O PÃO DE CADA DIA  
JOÃO CANDIDO DOS SANTOS RODRIGUES – MANAUS /AM  
PSEUDÔNIMO: FLORINDO JARDIM

### *LAVANDO O PÃO DE CADA DIA*

O dia acordava com as canções das lavadeiras.  
As batidas das roupas despertavam as pedras adormecidas.  
As lavadeiras cantavam...  
Cantavam, lavando as manhãs nas suas roupas...  
Cantavam, afinando a alegria nas suas melodias...  
Cantavam, limpando o cansaço nas suas cantigas...

Conversavam alto,  
Enxaguando as preocupações nas suas conversas.  
Conversavam tanto...  
Tanto, que até o tempo se acomodava entre as pedras  
Pra esperá-las e conversar com elas.

Enquanto isso,  
O sol e o vento, feito meninos, se embalavam nas cordas do varal,  
Esperando as roupas para se vestirem com cada uma delas  
E enfeitarem o dia com todas as cores.

Quando iam embora,  
Saíam limpos e cheirosos.  
Deixando, na tarde e no coração das lavadeiras,  
A alegria.

- Estava lavado o pão de cada dia!

## **2º LUGAR- CECOGRAMAS**

LUIZ KIFIER- BELO HORIZONTE /MG

PSEUDÔNIMO: CLAVE DE LUZ

*Clareza é o escuro acostumado de si.*

I

Segredo é o que sendo poema  
atravessa o buraco de qualquer agulha.  
Pode ser o amor que o vão da fechadura sopra,  
a angústia que o porta-jóias amoita ou  
a saudade que às vezes escapa pelo bule  
e vai moendo o passado  
até a distância ficar com gosto de café.

II

O senhor das pequenas coisas não carece  
de preces recheadas de amém.  
Ensina-me só o caminho de volta,  
enquanto guardo a existência dele  
no escuro dos olhos  
que aprendeu sem didáticas a  
não dimensionar nada além do que se é.

III

O gozo da vida dura o tempo de um fósforo riscado  
O resto é coisa da imaginação ou da memória confusa  
desses poetas que fazem do olhar, cicatriz.  
Só desejo aquilo que por grandezas,

caiba na palma da mão  
ou lacrimeja no fundo da alma.  
Lagarta se fantasiando de borboleta  
ou o adeus em carta escrito à mão.

#### IV

Acho que a morte quando passou pelos meus olhos,  
senti que eles estavam cheios d'água.  
Tanto que ela ficou na beira,  
jogando pedrinhas e mais pedrinhas  
para ver se a eternidade dá mesmo  
três saltos antes de afundar na gente.

#### 3º LUGAR

DIÁRIO DE UM JARDIM DE PAPEL

JAQUELINE LOPES SALGADO SOARES - BELO HORIZONTE/MG

PSEUDÔNIMO: SANS CRITA

#### **Diário de um Jardim de Papel**

*Sans Crita*

Eu hoje escrevi botões,  
Conjuguéi rosas brancas  
Recitei tulipas tristes,  
Folhas inteiras de jasmim.

Pintei orquídeas  
Únicas,  
Esferografadas em azul,  
Duzentos lírios decassílabos  
Salpicados de carmim.

Revelaram-me os trevos,  
Ênclises de quatro folhas,  
Presságio de um jardim vindouro.

Bambus oxítonos  
Margeiam o espelho d'água,  
Marca d'água,  
Palco das carpas plotadas  
Em escamas cor de ouro.

Com as mãos cegas  
De uma fada  
Suavemente aquarelada  
Arranquei ervas daninha  
Aparei as pautas largas  
Gramíneas reticentes...

Revolvi as letras tortas  
Enxertei palavra em flor.  
Pra atrair as joaninhas,  
Colchetes e cochonilhas,  
Replantei por todo lado  
Bulbos secos de amor.  
Amor-perfeito.

Não existe,  
Quiçá em terras distantes,  
Deixo uma cova vazia,  
Uma carta sem selo,  
Um laço frouxo de sovêu.  
Na esperança de que um dia  
Alguém transplante  
De um canteiro

A única flor que falta  
Em meu jardim de papel.

MELHOR DE PIRACICABA

SILÊNCIO

ESIO ANTONIO PEZZATO – PIRACICABA/SP

PSEUDÔNIMO: BAR BOSA

### **Silêncio**

*Bar Bosa*

Interpreto o Silêncio através de metáforas  
E na canção que vem regida pela sombra.  
Não se lava o silêncio e a sombra não se molha  
Interpreto o silêncio em enigmas supérfluos.

A nuvem passageira e viajante do espaço  
Muitas vezes no chão faz sombra de miragem.  
Passageiro que sou pensativo e calado

Na voz da solidão interpreto meus sonhos.

A chuva fina cai e esborrifa nas sombras,  
Sonho de vácuo e luz que brilha a sete cores.  
Passageiro do tempo eu vou moldando ideias  
Na luz que se reflete em espelhos convexos.

Garças vão ao espaço em voo silencioso  
Procurando um local para fazerem sombra.  
A sombra de silêncio invade o chão disperso  
E disperso procuro o silêncio das coisas.

Piso chão de algodão e faço atrito no ar  
Com o sangue que corre em silêncio nas veias.  
Batalha que se vai num frenético sonho  
Do que não sei viver nas sombras que não vejo.

A sombra esgarça a luz em negros labirintos  
E o silêncio e seu vulto aparecem-me estáticos.  
A palavra é o silêncio em pedra adormecido  
Num velho livro gasto onde as palavras morrem.

Interpreto em Silêncio os sonhos que me dizem  
Das coisas que não fiz por saber-me incapaz.  
Voar o espaço azul por léguas de infinito  
Uma arma que me mata em estampido surdo.

Os pés trago no chão por que não tenho pernas  
E o tiro que atingiu-me era somente sombra.  
As penas como a sombra emolduram mentiras,  
A mentira é o silêncio em culpa inexistente.

Na vaga solidão da noite que não passa  
Sou velho passageiro a roer minhas sombras.  
Sou silêncio, sou pó, que sobre o vácuo voa  
E faz sombra na sombra e na sombra faz sombra.

MELHOR DE 15 A 17 ANOS

**- SER E NÃO SER**

LEVI MOTA MUNIZ / FORTALEZA/CE  
PSEUDÔNIMO : EU EU-LIRICO

Quero frio, mas não ártico, quero calor, mas não desértico,  
Quero muito, mas não máximo, quero pouco, mas não mínimo,  
Quero feliz, mas não ilusório, quero triste, mas não mórbido,  
Quero paz, mas não estático, quero guerra, mas não lástima

Desejo que minhas concepções sejam sólidas,  
mas não que minhas histórias se tornem parábolas,  
Quero vivo, mas não imortal, quero surpresa, mas não mágica,  
Quero duro, mas não mármore, quero leve, mas não ínfimo

Que meus amores não sejam dependências,  
e minhas drogas também não,  
Quero fatos, mas não proféticos, quero idéias, mas não desvaneios

Quero certo, mas não parnásico, quero errado, mas não caótico,  
Sou poeta e suplico poder morrer de amor,  
Mas sou humano, e almejo viver a simplicidade do meio-termo

SELECIONADOS

**NO VARAL DO TEMPO**

FERNANDO FERRARI / SÃO PAULO/SP  
PSEUDÔNIMO : FERRARI

E os dias se enfileiram no varal do tempo.  
Panos de seda vão lembrando bons ventos;  
Enquanto farrapos são remendados com linhas do arrependimento.

Alinhados num meridiano invisível, passam.  
Secam águas de Março, arrastando estações;  
Presos a uma só trama, inventados, guardam momentos e intenções.

Fragmentos da história, um elo e uma ponte;  
Os dias são feitos para usarmos e se aproveitar.  
Deixam tudo mais limpo, expõe quem somos e põe tudo no lugar.

Estendidos eternamente nas encostas da era;  
Registram acontecimentos e ajudam a espera.  
Chances de novos começos; voltar a velhos endereços e reconquistar.

Talvez sendo mal, viva mais do que penso viver.

Quiçá sendo bom, eu parta até antes de adoecer;

No truque do passatempo, já lento e num acento, quarando e olhando o varal do tempo.

**SALTO**

ALBERTO PEREIRA DE ARAÚJO FILHO - CARATINGA /MG

PSEUDONIMO: HENRIQUE VELASCO

O sapo engole o pirilampo,  
mas logo se perde  
na escuridão.

**DIA DOS NAMORADOS**

MARCO AURÉLIO PINOTTI CATALÃO/ CAMPINAS/SP

PSEUDONIMO : SENSINI

*dia dos namorados*

foi para vós que ontem comprei, senhora,  
este aparelho com *design* discreto,  
de última geração, em rosa e preto,  
como dizem que está na moda agora.

se o não usardes logo, sem demora,  
ele se tornará tão obsoleto  
quanto o *vós*, a mesóclise e o soneto.  
o tempo é indiferente a quem o chora.

meditai nisso. como o *smartphone*,  
tornar-nos-emos velhos, e amanhã  
não me entusiasmarei nem com viagra...

o tempo abranda o duro silicone  
e traz a celulite... a vida é vã...  
por isso, amai-me... enquanto ainda sois magra.

### **FALSOS ABRACOS**

VASCO PEREIRA DE OLIVEIRA / SERTÃO ZINHO/SP  
PSEUDÔNIMO: J COVAS

Pálpebras cerradas  
aprimonam nossos silêncios.  
As opiniões são fósforos riscados,  
e os sentimentos cinzas pelos cantos.  
Não há luz: há muito não pagamos a conta.

Cultivamos nossa indiferença  
com a calma de um barco  
que apodrece no fundo do rio.

Somos ricos em perdas  
e pobres em ruídos caseiros.  
Marcamos território com miolos de pão  
ressecados pela baixa umidade dos olhos.

Não há anúncios de batalha:  
há silêncios e feridos  
dos dois lados da muralha.

O tempo nos secou ao sol.  
Somos duas camisas no varal,  
dependendo do vento para disfarçar falsos abraços.

### **FINESSE**

MUCIO DE LIMA GOES - RECIFE/PE  
PSEUDÔNIMO: MG6ES

dona  
de uma fineza  
absoluta:

na sala, Sartre.  
na cama, Sutra.

### **OS GALOS DA MINHA RUA**

REGINALDO COSTA DE ALBUQUERQUE- CAMPO GRANDE/MS  
PSEUDONIMO: BONECA DE SABUGO

#### I

Os galos que rondam  
a minha rua  
à luz trêmula do luar

não ciscam gravetos do chão  
nem dizem cocoricó

um bando chega

outro foge

às vezes duelam  
na curva das esquinas

quem é o dono do terreiro  
qual grita mais alto  
o maior

## II

Quando erguem o aço frio  
da ponta de seus bicos  
noite adentro  
tudo cessa de repente

miados no telhado  
a estrela cadente  
ave-marias à beira da cama

E a monotonia estúpida  
da cantiga entoada  
atravessa janelas  
ameaça por baixo das portas

## III

As mãos que os fazem  
expelir fogo  
que assusta os cupidos

há pouco  
brincavam de pega-pega  
pipas nos fios elétricos

rodar pião

há muito

carregam a morte e a vida agarradas

à brutal cicatriz branca

do pó

**FEBRE DAS MUSAS**

ANA AMÉLIA APOLINÁRIO DE ALMEIDA - JOÃO PESSOA/PA  
PSEUDÔNIMO: SAPHIRA

Devoro os delírios de Sylvia

40 graus de verve gritando em mim

Estrelas furiosas

Sangram as sombras de Sexton

Orgias de ópio

Frissons de Anais Nin

Clarice felina caçando a solidão

Ruge o piano de Amos

Virgínia afunda em flamas

Florbela ascende entre mágoas

Minha boca cintila

Sonhos de Cecília

Emily dança à luz do Inaudito

E Safo decifra

o mito escarlate em meu ventre.

Desabotoa minha gola, Pagú!

## ESTAÇÃO CALADA

LOHAN LAGE PIGNONE - TRAJANO DE MORAES /RJ  
PSEUDÔNIMO: ANDRADE

A linha férrea  
A hera terrestre  
Reconquistando seu território.

Valise na mão  
A espera pelo passado  
E nem ponte,  
nem poste,  
nem pasto -  
Fica o olhar lânguido  
A percorrer os trilhos.  
...  
O outono decai,  
Varre folhas ocres  
E a poeira dos bons tempos.

Hoje -  
Marias Desfumaçadas  
Já não há Bandeira,  
A boca esfumaça o frio  
Dessa Estação...  
Acabou 'café com pão'.

Só se aproximam  
Os vagões da nostalgia  
In loco(emotiva).

Fornalha acesa  
A lágrima percorre os trilhos

Da face centenária.

O que não se cala

São os ruídos da memória

Que ecoam no coração.

### ETERNAMENTE MANOEL

EDER RODRIGUES - PIRACICABA/SP

PSEUDÔNIMO: OZ

*“Quem anda no trilho é trem de  
ferro, sou água que corre entre pedras:  
liberdade caça jeito.”  
Manoel de Barros*

#### **I**

Pela paz que as *ignorâncias* poemam,  
colo um a um dos estilhaços  
que sequer vão conformar meu reflexo  
em estatura de barro ou vertigem de espelhos.  
Venho de lugar nenhum, depois de tanta  
lembrança enterrada em ritos de pedra-sabão.  
Não passei a vida tentando me desvendar,  
a mercê dos tantos *eus* que a solidão coleciona.

#### **II**

Fiel aos passos que o corpo fraqueja  
Sigo quando o olho umedece por dentro a abertura do mar.

Não guardo sensações num pote de conservas  
Trago comigo só uma bússola quebrada,  
com nortes incertos e nenhum pertence.  
Demora, mas a vida se rende às dádivas do não chegar.

### III

Sei pouco de lugar, raiz, pertencimento.  
Meu coração foi criado no peito mesmo,  
longe da didática dos rumos.  
Meu desejo não pega carona.  
Costuma ir a pé quando avista o interior das coisas.  
Só mergulha quando se afrouxa o insuportável das vestes.

### IV

Já me liberei dos lemas,  
não engarrafo poemas e só furto poentes.  
Sei que construíram deus de cimento e areia,  
ainda que desabe cada milímetro concreto  
frente às dúvidas de quando o que se avermelha  
em existência é o fundo das gentes  
e não a altura dos santuários.

### V

O que insinuam como corpo, eu peço como estrada.  
Parto sem nenhuma pressa  
Sem carecer de uma identidade fixa  
para justificar os girassóis que deixo como metade.  
Pauso o movimento perpétuo da máquina do mundo  
com o piar sucessivo dos pardais que ressuscitam  
a orgia no escondido dos laranjais.

### VI

Há tempos deixei as escrituras  
A estrutura do teto pelas chuvas de agosto

A terra em si que nunca me arranhou posses.  
Sepultarei meus mortos no fundo do mar  
onde mora um piano inventado que serve de companhia  
quando a dor pesa séculos por dentro aquém às superfícies.

## VII

Se o amor ficou fora de época  
Desafio a moda lendo as linhas do corpo todo  
e ainda dou aula de caligrafia para  
umedecer a sutileza das cartas e o mistério da palavra.  
Desculpa se meus certificados não tiveram parede  
Se os bichos que estimo largo soltos ao léu.  
Esquecimento faz parte do mundo  
e na encruzilhadas dos corpos,  
perde quem não se trilha pelos quatro cantos  
onde os trens brincam de eternidade.

## VIII

Despedida não faz parte de mim  
Carrego no bolso retratinho de mãe  
Saudade eu curo com chá,  
mas quando deito fedendo laranja  
é o colo dela que imagino para dormir.  
Vim só para pedir tua benção *Manoel*  
Ainda não encontrei aquele velho navio  
Mas a arte já me ensinou  
a atravessar o mar dentro de um barco de papel.

### **PRIMAVERA ANUNCIADA**

MARISA BUELONI - PIRACICABA/SP  
PSEUDÔNIMO: CASSIOPEIA

Quando setembro vier  
quero estar de pé no chão

com uma flor no cabelo  
uma esperança, um apelo  
ardendo no coração

Quando setembro vier  
serei a mulher  
das colheitas  
Perguntarei  
o que não sei  
- e se me aceitas

Quando setembro vier  
serei a cítara  
que alguém citara:  
uma oração  
uma canção  
- kandara

Quando setembro vier  
na primeira aragem  
tomo coragem  
e me alisto  
- no último pelotão  
uníssono cantochão  
no exército de Cristo

Quando setembro vier  
- dizem os astros –  
haverá um esplendor  
um calor  
colossal  
Estarei de pé  
cheia de fé  
de luz e de sal

Quando setembro vier  
virá o sonho, a arte  
Não posso dormir, no entanto  
ou perderia o espanto  
- a melhor parte

Quando setembro vier  
darei adeus ao frio

correrei para os teus braços  
morrerei nos teus abraços  
na corredeira de um rio

Quando setembro vier  
estarei de plantão  
na garagem da casa nova  
na época da desova  
piracema da estação

Entra! – é tua  
a Nova Terra  
o solo bendito  
o amor infinito  
da salvação

E se for possível  
meu bem  
se ainda existir  
um nupcial bem-me-quer  
eu estarei lá, meu amigo  
para cantar contigo  
quando setembro vier...

**AMOR**

JOÃO PAULO PARISIO - JABOATÃO DOS GUARARAPES/PE  
PSEUDÔNIMO : ÉREBO

Amor, essa palavra cheia de nervos.  
Amor, essa palavra cheia de dedos.  
Amor, essa palavra cheia de medos.  
Amor, essa palavra cheia de enredos.  
Amor, esse tumor, esse novelo,  
esse inexplicável desvelo  
pelo que não pode compreendê-lo,  
pelo que não pode compreender-se,  
esse ninho ora habitado no peito,  
ora daninho, ora perfeito.

## **ETERNAL SILENCIO**

FRANCIELE MOZER BACHI - SANTA ROSA/RS  
PSEUDÔNIMO: CALÍOPE

Eternal Silêncio

Oh tinta dos soluços que levanta  
Rasgando este papel refeito em cerne  
Há de agüentar a dor agora entregue  
Se já não posso tê-la na garganta?

Então será possível que não vergue  
Matéria se a essência se derrama?  
Que não se rasgue a carne de quem canta  
Ante o entôo tão triste que se ergue?

Ah quem me dera fosse tudo essência  
E não houvesse então essa tristeza  
De desejarmos alcançar a alma  
Só conseguirmos atingir a letra...

A vida veio e fez-me estar às voltas  
As voltas todas ágeis dessa dança,  
A gente lança os braços, não alcança...  
Jamais, jamais perdemos a esperança.

Não fosse tudo solidão, silêncio,  
De nós não alcançarmos essa essência!  
Na tentativa eterna em violá-la  
Ficamos só co' vão destas palavras.

Renego-te oh letra que não pulsa

E toda vida que teu lábio jura  
Renego todo o entôo seco e morto,  
Oh te atrevas a me falar de lágrimas!

Eia então, vibra, se puderes, vibra  
A lira do meu peito compõe, tange,  
Vibra este universo que confrange  
Faça-o ser as cordas desta lira.

Mas Quem persistirá nesta mentira  
Quando a lei da existência se esclarece?  
Eu sei que todo canto que se tece  
É corda só do peito que então vibra.

Então, que importa a urgência desse grito  
Se ele não ressoa no infinito?

Ah se eu não fosse apenas este eco  
E sim a própria boca do universo.

### **BRINCO DE LEMBRAR**

DANIEL RETAMOSO PALMA- PASSO FUNDO /RS  
PSEUDÔNIMO: KAVÁFIS

Venho do interior do menino que já fui...

fui... fui desmaiar pandorgas bem longe do arraial  
fui dono de circo de miniaturas  
e carcereiro de impérios de quintal  
menino fui... fui caçador e fui refém  
mas por Júpiter, que fui imperador também!  
e daqueles que dão pão e circo ao povo imaginado  
Aliás, para o meu circo, não havia lonas  
para os meus prisioneiros, não havia celas...  
fazia meus templos em vidros de café  
cortando cheiro às travessuras

que a mãe da gente tem faro farol e pouca fé  
nos santos milagres que a gente esconde

Apanhava cigarras quais frutas cantantes  
às árvores do pátio – onde meus cortes e minha corte  
em palmo de terra plantava arenas  
para colher, das formigas, meus gladiadores  
caçava borboletas, libélulas em bando  
caçoava do sol que me roubava os dias  
com lampiões de vaga-lumes  
a respirarem luz  
dentro das noites de betume

Por fim, brinco de lembrar  
que fui carcereiro de impérios de quintal  
prendia cigarras e formigas  
prendia até a res-piração do sol  
e de poças rasas eu pescava pérolas

Brinco de lembrar  
que eu também sabia libertar  
meus helicópteros das libélulas

Brinco de lembrar  
que o meu império virou ruínas  
e um menino vem de mim  
prender o choro, confesso...

Brinco de lembrar  
que à tua orelha, menina  
foi que eu prendi meu primeiro verso.

## **SILÊNCIO**

ESIO ANTONIO PEZZATO- PIRACICABA/SP

PSEUDÔNIMO: BAR BOSA

Interpreto o Silêncio através de metáforas  
E na canção que vem regida pela sombra.  
Não se lava o silêncio e a sombra não se molha  
Interpreto o silêncio em enigmas supérfluos.

A nuvem passageira e viajante do espaço  
Muitas vezes no chão faz sombra de miragem.  
Passageiro que sou pensativo e calado  
Na voz da solidão interpreto meus sonhos.

A chuva fina cai e esborrifa nas sombras,  
Sonho de vácuo e luz que brilha a sete cores.  
Passageiro do tempo eu vou moldando ideias  
Na luz que se reflete em espelhos convexos.

Garças vão ao espaço em voo silencioso  
Procurando um local para fazerem sombra.  
A sombra de silêncio invade o chão disperso  
E disperso procuro o silêncio das coisas.

Piso chão de algodão e faço atrito no ar  
Com o sangue que corre em silêncio nas veias.  
Batalha que se vai num frenético sonho  
Do que não sei viver nas sombras que não vejo.

A sombra esgarça a luz em negros labirintos  
E o silêncio e seu vulto aparecem-me estáticos.  
A palavra é o silêncio em pedra adormecido  
Num velho livro gasto onde as palavras morrem.

Interpreto em Silêncio os sonhos que me dizem  
Das coisas que não fiz por saber-me incapaz.  
Voar o espaço azul por léguas de infinito  
Uma arma que me mata em estampido surdo.

Os pés trago no chão por que não tenho pernas  
E o tiro que atingiu-me era somente sombra.  
As penas como a sombra emolduram mentiras,  
A mentira é o silêncio em culpa inexistente.

Na vaga solidão da noite que não passa  
Sou velho passageiro a roer minhas sombras.  
Sou silêncio, sou pó, que sobre o vácuo voa

E faz sombra na sombra e na sombra faz sombra.

**PEQUENAS POESIAS**

ANDRÉ TELUCAZU - CARAGUATATUBA/SP

PSEUDÔNIMO: TAKEZO M.

**Pequenas poesias**

Takezo M.

uma folha

brinca sozinha

dando cambalhotas

de outono

um caramujo  
deixa um rastro de atrasos  
sem se preocupar  
com a pressa do mundo

atrás  
do arame farpado  
uma farpada rosa  
esperando para se tornar afago

uma semente de dente-de-leão  
plana  
paraquedista da vida  
sem planos

um chinelo meu  
outro da esposa  
eu rio do erro e sinto  
meus passos mais certos

um riacho de silêncios  
murmura respostas  
para perguntas  
não feitas

uma gaiola  
vazia  
guarda  
voos

o reflexo  
da lua  
em uma poça d'água  
sonho de marés

**ANÁLISE ESTÁTICA**  
KLEBER BODINHÃO -PONTA GROSSA/PR  
PSEUDÔNIMO: VITOR VOGUE

Análise Estática

Não havia entre nós  
a mínima sintaxe,  
era como  
se o mais importante  
faltasse.

eu, puro sexual  
e ela toda romântica,  
eu morfológico  
ela semântica

### **O QUE SOBRA**

HELENICE PRIEDOLS E SOUZA - VINHEDO/SP

PSEUDÔNIMO: FLOR DE LIZ

O que sobra

sei do tempo que nos acompanha cortando a pele como lâmina fria  
sei da melancolia que ocupa a mão vazia de sonhos  
e do silêncio que queima a fome no prato vazio  
da mãe que não encara um filho nos olhos por não saber dar explicações

foram-se os dias em que precisava da altura  
para contemplar futuros  
é nesses planos terrenos em que estamos  
comprimidos pelas mesmas ausências  
que choro as escassas compreensões

tão poucas são as mãos que se estendem  
tão poucas as razões que se entendem  
tão poucos os pés no chão

o orgulho do homem se dissolve na fumaça

que o próprio homem produz quando queima sua alma  
recolho o verbo o silêncio e o assombro  
o que sobra nem nome tem

**MOMENTO NO TREM**

MARINA CECILIA CONSENTINO FRANCO - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO/SP  
PSEUDÔNIMO: MACE

O menino bonito,  
dezoito? vinte?  
achou lugar no trem  
ao lado da velhinha tímida  
quase invisível.

Licença, minha senhora...  
Voz baixa, grave, quente  
cheia de ressonâncias.

A senhora acendeu  
olhinhos espertos  
e pareceu menos velha.  
Esboçou um tênue sorriso  
também mais jovem  
que o resto.

O colocar a mochila no bagageiro  
desvelou o tufo negro da axila  
e espalhou um discreto aroma  
de suor recente.

Foi impressão, ou de leve  
fremiram velhas narinas?

O gesto de sentar-se,

nos jeans apertados,  
delineou os músculos fortes  
das coxas. O jovem corpo  
irradiava um calor bom.

A velhinha tímida  
fechou os olhos marotos,  
para sonhar diabruras  
com o neto  
de outras avós.

### **CONSOLIDAÇÃO**

JULIANA MENDES FERREIRA FRANÇA - NOVA FRIBURGO/RJ

PSEUDÔNIMO: MARIA MAR

Histéricas ao telefone,  
como se não se vissem há missas!

Entre opiniões argumentativas  
e rogos tão elaborados,  
pálpebras palpitantes,  
parábolas eloquentes,  
cada qual com seu caso  
suscetível a qualquer olhar mais  
enviesado

- cortado obliquamente -,

uma faca nos dentes

sustentando

gestos adjacentes

- o café esquentando -,

uma mão à frente

perfurando todo espaço entre

a pele

a calcinha

e o artigo primeiro e segundo da cláusula contratual  
de união civil estável,  
buscando entrelinhas  
manter o sopro da castidade  
à contração involuntária da vontade,  
entrementes,  
o gozo da fidelidade  
emerge cristalino e virgem,  
e por que não, casto.

### **FRAGMENTOS**

RODRIGO DOMIT - RIO JANEIRO/RJ

PASEUDÔNIMO: PABLO QUINTANA

Quebrou-se

no mergulho do pássaro

o espelho d'água

### **O SONO DE GOYA**

MARIO DAVIE CLAUDINO DA CRUZ- CURITIBA /PA

PSEUDÔNIMO: PEDRO PARÁMO

*"Que ninguém possa jamais esquecer esta noite.  
Hoje, tocarei a flauta de minha própria coluna vertebral."  
(Vladimir Maiakovski)*

Sonhei com serpentes mortas  
dentes cerrados, ventos distantes

touros de olhos azuis,  
festins negros e maré alta.

Quem soprou esses ventos  
nas flautas das vértebras  
e verteu febre nos dedos  
para que compuséssemos vendavais

e folheássemos o diário de ouro  
que o Deus tocou  
que só nos fez chorar?

Quem varreu os cílios  
com o *zoom* sorrateiro  
da visão do sem nome?

Quem disse:  
– Quem beber dessa água lembrará –  
essa é a fonte da memória

Quem disse que era Deus?

### **DOCES LEMBRANÇAS**

MARIO JOSÉ DE SOUZA GOMES JR - VILA VELHA/ES

PSEUDÔNIMO: MARIO GORDILHO

Ainda me lembro  
Das lembranças que minha vó  
Me contava, eu no seu colo,  
De quando ela era criança

Numa cadeira  
De madeira, que balança,

Concentrava em sua voz,  
Que não me sai da lembrança

Via uma casa lá na roça,  
Um galo da madrugada,  
Um luar iluminado,  
No meu olhar de criança

Ainda me lembro  
Das lembranças que meu vô  
Pranteava, eu no seu colo,  
De quando ele era criança

Num casarão  
Lá no centro da cidade  
Onde, em sua mocidade,  
Fartou-se de tanta festança

Via janelas e escadas,  
Muitas portas e espelhos,  
Belos móveis decorados,  
No meu olhar de criança

Como eu era feliz e não sabia!  
Bons momentos de paz e fantasia  
Que pra um menino nunca passam,  
Só constroem doces lembranças...

### **GEOGRAFIA**

MARINA RABELO CALDAS- NATAL/RN

PSEUDÔNIMO:MARY

teus pés de solos áridos  
descobrem minha relva úmida

tuas mãos de cactos crassos  
adentram minha selva macia

e chovemos

um gozo de ser tão

### **DICIONARIO**

LUCAS CORREIA MENDES - ARAGUAÍNA/TO

PSEUDÔNIMO: APRENDIZ

Vindo da uva, vinho tinto,  
Quebra do ovo, vida do pinto,  
Busca do álcool, alcance da fuga,  
Sina do copo, bebida à culpa.

O risco que desce o rapel,  
O risco que mancha o papel,  
O que descreve o próprio umbigo,  
O que escreve o ambíguo.

A pele da presa na unha do predador,  
A fé presa na palavra do pregador,  
O peso da amizade que se preza,  
O preço da novidade que prega peça.

A venda que cobre os olhos do vendado,  
A venda que cobra o valor do vendido,

A escolha que provoca o rejeitado,  
A escola que promove o escolhido.

Ter sorte pra ser mais amado,  
Ser forte pra ter menos risco,  
A fala que manifesta o falado,  
A falha responsável pelo falido.

O freio da beleza, baque da imagem,  
O feio da leveza, peso sem gravidade,  
O feito certo e ultrapassado virou “ex-ato”,  
O defeito, eterno condenado, foi humanizado.

O desejo tímido é “sub-atração”,  
A antipatia em demasia é “multi-implicação”,  
A atitude, nua, sem endereço, não alcançada,  
A altitude do baixo da rua pro tropeço no engano da calçada.

A palavra que, distraída, emudece o ato,  
A razão que se diz traída, muda o que falo,  
O som da palavra que combina...  
Equivale o poder da rima.

### **AOS CREDORES**

MARCOS FERREIRA DE SOUZA- MOSSORÓ /RN

PSEUDÔNIMO: ANDRÉ BENEVITES

Devo e não nego. Mas também não pago.  
Não que não queira, mas é que não tenho.  
Reúno esforços, não sonego empenho,  
Porém meu bolso é o tempo inteiro vago.

Neste sufoco há muito tempo eu venho  
Sofrendo o diabo e sem nenhum afago...  
Devo a Raimundo e devo a Antônio gago,  
E a tanta gente que me desce o lenho.

Não sou velhaco. Devo, sim, não nego.  
Devo à bodega, devo a Deus e ao mundo  
E até uma esmola que neguei ao cego.

Porém me aguardem mais esta quinzena.  
— Tenha paciência por favor, Raimundo,  
Que estou contando com a Mega-Sena.



e o apelido de todos os que foram de férias  
ninguém esquecerá nunca ninguém  
os nomes de todos entram-nos em casa pelos sítios que se escondem  
o vento foi a maneira que a natureza arranjou de devolver a voz aos mortos